

Comentário out/062 64

## O TEMA EXCLUSIVO

VILÉM FLUSSER

PEÇO AO LEITOR que se prepara a ler este artigo, que contemple a seguinte pergunta: Por que e para que leio este artigo? E esta revista? E qualquer coisa escrita? E por que e para que foi escrito este artigo, e todos os artigos nesta revista, e toda coisa jamais escrita? É claro que milhares de respostas a estas perguntas estão por aí, pré-fabricadas e prontas a entrarem em funcionamento, respostas ponderadas, respostas indignadas, respostas irônicas, respostas evasivas. Peço, entretanto, que o leitor não recorra a elas, mas que tente assumir uma atitude ingênua, como se esta fosse a primeira vez que as perguntas foram formuladas. Essa ingenuidade, esse espanto ante a futilidade fundamental de todo ato e ante a execução de todo ato a despeito de sua futilidade é o clima deste artigo. Nêle impera o espanto ingênuo ante a minha contínua atividade a despeito de sua futilidade evidente. Nada adianta fazer e faço algo sempre. Não é isto espantoso? E por que faço algo sempre? Porque não posso deixar de fazê-lo, a não ser que durma ou morra. Viver é fazer algo a despeito da evidente futilidade de tudo. Viver é portanto tentar negar a futilidade evidente de tudo. E por que é evidente essa futilidade? Pela morte. Viver é tentar negar a morte. Viver é fazer de conta que

não há morte. Mas há. Não é isto espantoso? Sugiro ao leitor que a morte é o tema exclusivo e universal da vida. É portanto um tema surrado. Mas, via de regra, o tema da morte aparece camuflado, para não ser reconhecido. É portanto um tema surrado. A camuflagem do tema da morte é chamada "valôres". Os valôres são outras tantas tentativas de negar a morte, portanto a utilidade de tudo. São a resposta à pergunta: Por que faço algo? Estou escrevendo este artigo em busca de um valor, isto é, tento negar a morte. O leitor lê este artigo em busca de um valor, tenta negar a morte. Estamos em conversação, o leitor e eu, porque participamos da conspiração tácita do fazer de conta que não há morte. A grande conversação que é a civilização com todos os seus valôres e todos os seus feitos, é esta conspiração tácita, e o nosso fazer de conta que não há morte é o segredo do qual todos participamos. A fita que representamos é interrompida raras vezes, por um leve piscar de olhos, um sorriso conspiratório apenas esboçado, pelo qual reconhecemos uns aos outros como atôres da mesma peça chamada "vida". É como se quiséssemos dizer uns aos outros: "Pss, não divulgue que estamos mentindo, não estrague o faz-de-conta da vida." E, quando um dos nossos, talvez farto da mentira, trai a conspiração e se mata, precipitamo-nos, todos, sobre a brecha por ele aberta para fechá-la com um tecido de explicações, uma teia de mentiras. Assim, a nossa conversação é a variação infinita de um único tema: "Não há morte."

Vilém Flusser escreveu para esta revista em seu vol. 4 n.º 2 sobre Kafka e agora apresenta um trabalho filosófico em que penetra através de meandros e especulações sobre vida e morte. Sendo um estudioso da filosofia da língua, este artigo revela as suas preocupações por ambos os fenômenos. Em 1963 publicou o livro *Língua e Realidade*.

É claro que, em certas fases da nossa conversação, discutimos a morte como se ela existisse. Falamos, com muita

erudição da morte biológica, definindo-lhe os sintomas. Falamos com muita sabedoria, da morte do corpo, contrastando-a com a imortalidade da alma. Falamos, com muito entusiasmo, da morte do indivíduo, contrastando-a com a imortalidade da espécie. Mas deve ser igualmente claro que essa morte que discutimos com tanta elegância não é aquela cuja negação é o nosso tema exclusivo. Pelo contrário, essa morte que admitimos e discutimos já é a negação daquela morte que negamos, e é justamente por isto que a admitimos. A morte que negamos é indiscutível. Não pode ser enquadrada no contexto biológico, ou psicológico, ou teológico, ou qualquer outro contexto, já que todo contexto é uma tentativa de negá-la. A morte admite somente duas atitudes: negá-la e continuar representando, ou aceitá-la e cair no mutismo. O presente artigo é portanto mais um ensaio em prol da negação da morte. Entretanto, faz parte daquela série de ensaios que admitem o faz-de-conta que os fundamenta. A nossa época proporciona um clima adequado para o surgir desse tipo de ensaios. É o clima de tédio existencial provocado por aquele processo chamado "progresso da tecnologia". A futilidade de toda atividade *soit-disant* criadora está sendo desfilada ante os nossos olhos diariamente, em forma de aviões supersônicos, de geladeiras supereficientes e instituições superorganizadas. É difícil, hoje em dia, e será mais difícil amanhã, esquecer que tudo isto é fita para negar a morte. Essa demonstração diária e insistente da futilidade de toda atividade é, portanto, de certa forma, um convite diário e insistente para uma reflexão sobre a morte.

**I**NICIAREI ESSA REFLEXÃO com a consideração da absurdidade da morte. Tentarei não repisar os caminhos já trilhados por Heidegger, Camus ou Sartre, mas tentarei preservar a minha ingenuidade. É evidente que tudo que faço é uma tentativa de negar a morte. Se me levanto da cama, se me visto, se tomo café e se vou trabalhar, é que nego que vou morrer e faço de conta que sou

eterno. Não fôsse essa minha negação, ficaria na cama. Já que vou morrer, diria, tanto faz morrer hoje, ou amanhã, ou daqui a cem anos, e ficaria na cama. A negação da morte dá portanto não somente significado à vida em geral, mas a cada vivência individual, a cada ato meu. Mas a negação da morte dá esse significado somente porque se sabe a si mesmo mentirosa. Se fôsse honesta essa negação, se realmente estivéssemos convencidos de que não há morte, não levantaríamos da cama, exatamente como não levantaríamos se não tentássemos negá-la. Se realmente não há morte, se o meu futuro é ilimitado, então nada tem urgência, nada precisa ser feito agora, o que equivale dizer que nada precisa ser feito nunca. Podemos, portanto, concluir dessa primeira consideração que a urgência do instante (que é a própria essência da vida) é resultado de uma desonestidade: já que nada urge se aceito sinceramente a morte, e já que nada urge se a nego sinceramente, finjo negá-la e tudo urge. Em outras palavras: urge escrever este artigo, e urge lê-lo, já que escrevê-lo e lê-lo nos torna ainda mais imortais que somos, e já que poderíamos morrer antes de escrevê-lo e lê-lo.

Chamei de "desonestidade" esta atitude que dá urgência e significado à vida, e realmente, formulada assim ela não é apenas desonesta, mas ainda ridiculamente inepta. Mas sabemos que essa atitude que chamei de "desonesta" se aproxima daquela que Camus chama de "honestidade". Camus define a honestidade (se o interpreto bem) como a atitude que aceita a morte e continua agindo a despeito dela. À primeira vista, há uma diferença entre a atitude camusiana e aquela que acabo de esboçar ligeiramente: ao aceitar a morte, Camus parece ter aberto mão da mentira. Mas, ao continuar agindo, não estaria ele caindo novamente na mentira? Não se trata, por acaso, em Camus, de uma nova camuflagem da negação da morte, embora de uma camuflagem que finje ser aceitação da morte? Para desmascará-la, analisemos, rapidamente, a posição camusiana, uma posição que me parece ser típica da nova geração, ou

pelo menos de uma das tendências mais importantes dela: Aceito a morte. Admito que vou morrer, e o admito não apenas em teoria como figura de retórica, mas compenetro-me, vivencialmente, dêsse fato, incluo a morte em cada instante. Todo meu instante passa a ser final e definitivo, passo a viver *à bout de souffle*. Nessa situação todos os supostos valôres da humanidade se apresentam para mim como mentirosos, e tôda conversação a respeito dêles como conversa fiada grandiloqüente destinada a fazer esquecer a morte. As religiões, as artes, a ciência e a filosofia são outras tantas fugas inautênticas e pretensiosas, já que pretendem que buscam "uma vida melhor", quando, na realidade, o que buscam é escapar à morte. Tôda essa conversa fiada de uma "vida melhor" me enche de nojo, porque sei que se trata de uma mentira pomposa. Não é o caso de viver o melhor possível, mas simplesmente de viver o mais possível. Face à morte, o que conta é a quantidade, e não uma suposta qualidade. A honestidade me força a admitir a vacuidade de tôda moralidade. Doravante, simplesmente, tentarei viver o mais possível, e da maneira mais variada possível. Don Juan com suas múltiplas maneiras de amar, o conquistador com suas múltiplas maneiras de violência, o ator com suas múltiplas maneiras de representar, eis exemplos de existências honestas. São honestas, porque não fingem que buscam valôres. E são honestas porque, não buscando valôres, ainda assim não se matam mas vivem o mais possível. Aceitam a absurdidade de todo ato e, em desafio a essa absurdidade, atuam o mais possível. São existências dignas. Esta é, em poucas palavras, a posição camusiana.

Mas, se a esbocei fielmente, é uma posição curiosamente contraditória e inconsistente. Porque me parece ser, no fundo, uma posição ética e, como tal, uma busca de valôres. "Honestidade", "dignidade", o que são êstes conceitos camusianos a não ser valôres? E a frase camusiana "é preciso viver o mais, e não o melhor", não é ela um imperativo? A quantidade que Camus reco-

menda em substituição à qualidade, não é ela, ela própria, uma qualidade, por assim dizer por salto qualitativo? "Viver o mais possível", não é isto uma maneira camuflada de dizer "viver o melhor possível"? Não é portanto desonesta a "honestidade" camusiana, não é nojenta a "dignidade" camusiana, e não se enquadra a posição camusiana entre as conversas fiadas pomposas que procuram negar a morte? Enfim, não se trata, em Camus, simplesmente, de um nôvo ardil destinado a "explicar" por que não me mato?

**S** EM DÚVIDA, Camus participa da nossa conspiração contra a morte, embora dando-se ares de trai-la. A sua posição não passa de um "teatro no teatro" e neste sentido, sim, Camus é autêntico, é um ator elevado à segunda potência, um ator verdadeiro. Não podemos negar os nossos aplausos à sua *performance* brilhante, mas descobrimos, se formos atentos, o piscar conspiratório em sua atitude. Continuamos, portanto, a despeito dêle, vítimas do dilema fundamental: a nossa incapacidade existencial de aceitar ou negar a morte, êsse nosso tema exclusivo. Note bem o leitor, trata-se de um dilema negativo. Não são duas possibilidades que êle nos abre, mas são duas impossibilidades diante das quais nos coloca. Entretanto, a própria negatividade do dilema parece conter a chave da sua solução, pelo menos *in nuce*. O dilema, sendo negativo, parece ser um pseudo-dilema, e o tema exclusivo da nossa conversação, portanto, um pseudotema. Com efeito, como superamos o dilema vivencialmente? Fingindo ser êle um dilema positivo. Fazemos de conta que podemos tanto aceitar como negar a morte e chamamos êsse fazer de conta "a nossa liberdade". Dentro dessa liberdade fingida escolhemos ou negar a morte (o que o pensamento existencial chama de "inautenticidade") ou aceitá-la (o que o mesmo pensamento chama de "autenticidade"). Tanto a autenticidade como a inautenticidade são portanto fictícias, já que frutos da fic-

ção que é a liberdade face à morte. Mas, dada a negatividade do dilema diante do qual a morte nos coloca, é a superação fictícia desse dilema a única superação concebível. Em outras palavras: face à morte não podemos senão fingir, e todo esse processo chamado "vida", e seu epifenômeno, chamado "pensamento", é portanto fictício. No entanto, com esta afirmativa estamos-nos aproximando, quer me parecer, da chave do dilema.

Já que nada podemos dizer a respeito da morte que não a falsifique, talvez podemos dizer algo a respeito da vida e do pensamento, daquelas ficções face à morte? Direi, neste esforço penoso de articulação, que a vida é a ficção: "não há morte", e o pensamento é a ficção: "não há vida". O tema exclusivo da vida é a morte, e a vida nega o seu tema. O tema exclusivo do pensamento é a vida, e o pensamento nega o seu tema. A vida faz de conta que é imortal, embora surja da morte, desemboque na morte, e seja permeada por ela. O pensamento faz de conta que é autônomo e ontologicamente primário, e embora surja da vida, desemboque na vida, e seja permeado por ela. A posição da vida é portanto muito menos complexa que a do pensamento. A vida é uma conspiração contra a morte. O pensamento, sendo uma conspiração contra a vida, é uma conspiração anticonspiratória, e neste sentido é o pensamento um desvelamento. Desvela a conspiração que é a vida, e revela, destarte, a morte. O homem, como ser pensante, é, com efeito, o único ser vivo que sabe da morte. O saber da morte me parece o traço distintivo do homem. O que equivale dizer que o homem é um ser irônico. Pensamento e ironia face à vida, é o abandono da seriedade animalésca e é, justamente por isto, o sorriso distanciado face à morte. A vida nega, séria e agastada, a sua própria mortalidade. O animal vive como se fôsse a viver eternamente, embora todo ato seu seja uma defesa contra a morte. Ele está sempre *sur le qui vive* no sentido literal desta palavra. A vida animalésca é uma ficção profundamente

séria, é um teatro triste. O homem, como ser pensante representa uma paródia desse teatro. Lança um desafio à seriedade da vida e, por isso mesmo, à seriedade da morte. Ousa, pensando, provocar a vida, e, por isso mesmo, a morte. Sendo irônico, é ousado. Ousa sorrir da vida e da morte. É um ser lúdico, brinca com a vida e com a morte. Não está totalmente englobado pela vida e pela morte, não está totalmente "interessado" pela vida e pela morte. É um ser parcialmente "desinteressado". Graças ao pensamento, não está ele tão desesperadamente *engagé* em prol da vida e morte como o é o animal ou a planta. Neste sentido podemos dizer que o homem tende a superar, pelo pensamento, tanto a vida como a morte.

**D**ISSE QUE O PENSAMENTO é o desvelamento da morte. Com efeito, o pensamento é uma única enorme provocação da morte, uma chamada gigantesca da morte. Podemos resumir o pensamento numa única pergunta: "Onde estás, morte?" Enquanto que a vida se esconde da morte, tremendo, o pensamento sai em busca da morte, desafiando. É verdade que, se a vida não consegue escapar à morte, tampouco consegue o pensamento encontrá-la. Ambos, a vida como o pensamento, são processos absurdos. São, como disse, fictícios. Fazem de conta que há liberdade face à morte. Mas o clima de ambos esses processos é radicalmente diferente. O clima da vida é, fundamentalmente, o da angústia, enquanto que o clima do pensamento pode ser, se cultivado, o do sorriso. Não podendo, autenticamente, resolver o dilema da morte, pode o pensamento, entretanto, recusar-se a tomá-lo com total seriedade. E esta me parece ser a chave do dilema.

Bem entendido: não se trata aqui de uma minimalização banal do dilema da morte. Não se trata de negar ao dilema a sua fundamentalidade. Trata-se, pelo contrário, de admitir o dilema como o próprio fundamento do nosso ser, e desprezá-lo assim mesmo. O desprezo do nosso próprio fundamento, esta me pa-

rece ser a verdadeira ironia. Não será essa ironia aquilo que Camus procurava ao falar em "dignidade"? Porque êste me parece ser o êrro da posição camusiana, e de tôda posição da filosofia chamada *Lebensphilosophie* e do existencialismo: desvirtuar o pensamento. Para êste tipo de filosofia é o pensamento uma serva, uma ancila da vida. Participa, portanto, da conspiração da vida contra a morte e serve de instrumento contra a morte. Na realidade, conforme creio ter exposto, o pensamento é uma conspiração contra a vida e revela a morte. A posição camusiana, resultado que é do desvirtuamento do pensamento, cai na contradição, porque procura utilizar-se do pensamento contra o pensamento. Parece aceitar a morte, e nisso é ela fiel ao pensamento. Mas, simultaneamente, aceita a vida, e nisso trai o pensamento. Embora, portanto, seja a posição camusiana uma traição da conspiração da vida apenas aparentemente, é ela uma traição da conspiração do

pensamento contra a vida. A "dignidade" e "honestidade" camusianas é um abrir mão da mentira que é o pensamento, não um abrir mão da mentira que é a vida. É por isto que são indignas e desonestas essas "dignidade" e "honestidade". Mas a ironia que é o pensamento pode ser um abrir mão da mentira que é a vida neste sentido, sim, uma aceitação da morte. É uma aceitação absurda, sem dúvida, porque uma aceitação negativa, mas justamente por isto uma atitude honesta e digna. Em outras palavras: o pensamento é a única atitude honesta e digna do homem face à morte, embora (ou talvez justamente por quê) é uma atitude absurda.

Rilke diz: "Der Tod ist gross. Wir sind die Seinen, lachenden Munds." (A morte é grande. Nós somos os seus de boca ridente). Esta me parece ser a única resposta honesta e digna ao pseudo-dilema diante do qual o nosso tema exclusivo nos coloca.